

## **ALÍPIO FERREIRA**

João Alves Garcia

Quando São José do Ouro  
À Lagoa, pertencia,  
Um índio por lá vivia  
Sua velhice intretendo  
Quase de tudo, fazendo,  
Antes que a força minguassem  
E o cansaço pialasse  
Para a morte lhe vendendo.

Chamava-se Alípio Ferreira  
O referido vivente  
Que andava constantemente  
Gineteando uma petiça  
Animal que o próprio tica  
Se lhe obrigassem montar  
Preferia até rezar  
E assistir a Santa Missa.

Na velha casa Queimada  
Onde covarde não ia  
O gaúcho aparecia  
No bolicho do Florêncio  
Bebendo canha em silêncio  
Deixando a garganta nova  
Pra mais tarde numa trova  
Dá uns puaços no Terêncio.

Numa gaitinha floreada  
Portadora de oito baixos  
O velhodava esculachos  
Em calo que mui rinhava  
Espora e crista cortava  
Pois tinha sobra de raça  
Se apoderando da taça  
Quando um bugio sapecava.

Ginetear um aporreado  
O mulato tinha gosto  
Brilhava o moreno rosto  
Numa buenacha risada  
Porque daquela gineteada  
Era o que mais entendia  
Por isso se divertia  
Do espanto da peonada.

Na marcação de dois bravos  
O patrão deixava dito  
Não vindo aquele negrito  
Nem mexam com esse gado  
Pois estou conscientizado  
Que peão igual ao Ferreira  
Se existisse na fronteira  
Hoje chamariam de finado.

Com seu facão campeiro  
O guasca pintava o “sete”  
Deixou índio sem topete  
Quando em novato peleou  
Muito rancho farquejou  
Desde a parede ao girau  
E lombo de quera mau  
A pranchaços, alisou.

Bombacha de pano grosso  
Feitio de china purquéria  
Cobria a bota gaudéria  
Fazendo vento no chão  
A espora no garrão  
Num costumeiro tinido  
E um maragato estendido  
Orgulhando o gauchão.

Rapadura em maço grande  
E uma cancha mui macota  
Que da costa do Pelotas  
Transportava de bruaca  
Vendendo em bodega fraca  
Comum lucrinhomichado  
Porque os cobres retovados  
Se intrigam com a guaíaca.

Seu crioulo mui bagual  
Parecido com um tição  
Na hora do chimarrão  
Ou golpeando uma cachaça  
Tragava aquela fumaça  
Que se igualava ao prazer  
De pro rancho recolher  
Uma chinoca lindaça.

Com setenta e lá vai chumbo  
Um dia sentiu queye estava  
Uma china começava  
A negaciar sua vida  
Sem armas, aquelça atrevida  
Mas peleando no mistério  
Lá num xucro cemitério  
A gauchada é vencida

E o nosso velho Ferreira  
Que não perdia pra nada  
Se entregou para a aporreada  
Que o levou como o Sepé  
Bem longe de São José  
Para um estranho rincão  
Onde um dia, xiruzão,  
De te encontrar tenho fé.